O Navio Negreiro

Castro Alves

Copyright © 2011 da apresentação *by* Nei Lopes
Copyright © 2011 das ilustrações *by* André Côrtes
Copyright © 2012 desta edição *by* Escrita Fina Edições

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

APRESENTAÇÃO
Nei Lopes

ILUSTRAÇÕES
André Côrtes

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Laura van Boekel

EDITORA ASSISTENTE
Mariana Oliveira

REVISÃO
Rômulo Coelho

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Studio Creamcrackers

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A477n

Alves, Castro, 1847-1871
O Navio Negreiro / Castro Alves. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2012.
48p.: il.

ISBN 978-85-63877-47-5

1. Escravidão – África – Poesia. 2. Negros – Tráfico – África – Poesia. 3. Navios negreiros – Poesia. 4. Poesia brasileira. I. Título.

12-2061. CDD: 869.91 CDU: 821.134.3(81)-1

Escrita Fina Edições
[marca da Gráfica Editora Stamppa Ltda.]
Rua João Santana, 44 | Ramos
Rio de Janeiro, RJ | 21031-060
Tel.: (21) 3833-5817
www.escritafinaedicoes.com.br
Printed in Brazil/Impresso no Brasil

O Navio Negreiro

Castro Alves

Apresentação de Nei Lopes

Ilustrações de André Côrtes

escrita fina

"O Navio Negreiro" — Um poema para lembrar

Nei Lopes

Por três séculos, a África sofreu o impacto do tráfico de escravos através do oceano Atlântico. Durante esse tempo, mais de dez gerações de africanos viveram em sobressalto, temendo pela liberdade e pela vida. Essa situação, que atingiu povos do litoral e dos sertões, fez vítimas que eram embarcadas principalmente em portos dos atuais Senegal, Gana, Benin, Nigéria, Angola e Moçambique, na chamada "contracosta", no oceano Índico.

"Que cena infame e vil"

Entre os séculos XVI e XIX, cerca de 12 milhões de indivíduos (mais do que a atual população da cidade de São Paulo) foram exportados da África na condição de escravos, sendo que mais de 1 milhão e 800 mil teriam morrido durante a travessia do Atlântico. Dos sobreviventes, quase a metade desembarcou no Brasil. Muitos, entretanto, chegaram já muito doentes, morrendo logo após o desembarque. Daí, a descoberta recente, no Rio de Janeiro, de um "Cemitério dos Pretos Novos", vala comum onde, junto ao cais e ao mercado de escravos do Valongo, eram atirados os corpos desses infelizes. Juntando-se a esse contingente os que morreram nas lutas de resistência, além dos exterminados por epidemias e fome, tem-se um quadro ainda mais aterrador.

A devastação produzida pelo tráfico foi a grande causa do empobrecimento e da desestruturação social do continente africano. Suas consequências diretas foram, principalmente: extermínio da população ativa (dava-se preferência, pela ordem, a homens e depois mulheres entre 16 e 30 anos); miséria, fome e destruição, com aldeias inteiras queimadas e pessoas mortas; maior incremento das guerras civis e entre nações, tornadas mais sanguinárias pela introdução das armas de fogo, e agora movidas por simples ganância.

Todo esse quadro levou ao desequilíbrio e à destruição. E, nele, os navios negreiros que transportavam os negros para o Brasil ocupavam papel tristemente fundamental.

"Era um sonho dantesco"

As embarcações usadas no transporte dos cativos eram chamadas "navios negreiros". Mas recebiam também o apelido de "tumbeiros", qualificativo dos indivíduos que transportavam cadáveres até as tumbas ou sepulturas.

Os "tumbeiros" eram, em geral, navios de pequeno porte, nos quais, visando a maiores lucros, quase sempre a carga humana vinha em excesso, com alimentação e água insuficientes, em um ambiente quase sem ventilação.

Os espaços em que se amontoavam os grupos, nos porões, eram espécies de prateleiras de menos de um metro de altura. Deitados lado a lado, nus e acorrentados, ali mesmo os transportados recebiam sua pobre alimentação e satisfaziam suas necessidades fisiológicas, sendo de vez em quando levados ao convés superior para respirar ar puro e desentorpecer os músculos, pelo que muitas vezes eram forçados a dançar.

A alimentação era, segundo relatos da época, em geral feijão, farinha ou fubá e peixe ou carne salgados, muitas vezes já apodrecidos. E a água, quente, suja e racionada, pouco servia para matar a sede. Em face dessas condições, as mortes eram mais que frequentes e a degenerescência física era regra geral.

"Águia no espaço imenso"

Para que se tenha melhor ideia dessas trágicas viagens, veja-se que o trajeto de um navio negreiro de Angola até Pernambuco demorava em média 35 dias; e até o Rio de Janeiro, cinquenta. Após a proibição do tráfico no Atlântico (1845), sociedades abolicionistas europeias denunciavam que o policiamento realizado pela Inglaterra, em pleno oceano, fazia com que muitos comandantes de navios, ao serem abordados, procurassem se livrar da carga comprometedora jogando-a ao mar.

Nascido na Bahia em 1847, Castro Alves tinha 21 anos de idade quando deu a público o poema "O Navio Negreiro", um dos mais belos de sua altíssima obra. Construído em seis partes, nele o poeta primeiro descreve o ambiente natural: o mar imenso, o céu nele refletido, a brisa, o vento... Contempla o navio, visto por fora, inocente "abrindo as velas ao quente arfar das virações marinhas"; e os homens do mar em seu trabalho.

No segundo e no terceiro movimentos, Castro Alves detalha a embarcação; descreve os marinheiros, evocando suas procedências e enumerando exemplos históricos da arte da marinharia. Depois, aproximando a "lente", enfoca o pesadelo da viagem. Feito isso, levanta seu brado aos céus pedindo uma explicação para o que vê.

Descreve também os passageiros e seu sofrimento; evoca o suposto ambiente de origem e a vida idílica lá vivida. E com sua visão romântica, mostra a África orientalizada de sua idealização: deserto, areias, palmeiras, tendas... Pois era a percepção que tinha do continente e que iria repetir no poema "Vozes d'África", lançado meses depois.

Então, o poeta levanta bem alto o açoite cortante de seus versos e o desce no lombo do Brasil escravista, ao qual acusa de coparticipação no crime.

Sim — quem diria? —, o Brasil que ainda lutava contra a "tirania" no Paraguai, emprestava sua bandeira, hasteada na Guerra como símbolo de liberdade, para servir de mortalha aos infelizes africanos.

Escrito em abril de 1868, "O Navio Negreiro" foi recitado pela primeira vez em 7 de setembro do mesmo ano. E a crítica não tardou: qual a razão de um poema clamando pelo fim do tráfico, extinto havia mais de uma década?

Mas, como lembra Alberto da Costa e Silva, poeta, historiador e africanólogo, não se tratava de um poema anacrônico porque o tráfico interno subsistia através de navios de cabotagem pelo litoral brasileiro; e também porque, mais do que um simples retrato do nefando comércio humano, "O Navio Negreiro" de Castro Alves "com todos os seus horrores era o Brasil, era o Brasil escravocrata".

Um dos mais belos momentos de nossa literatura, o poema permanece no inconsciente coletivo do Brasil — o maior país escravagista das Américas, o último a abolir a escravatura e o que hoje abriga a maior população resultante da diáspora africana. E permanece para que jamais se esqueça dessa grande tragédia cujos ecos ainda retumbam, mais de 120 anos após seu desfecho.

Nei Lopes é escritor e compositor.



O NAVIO NEGREIRO

Tragédia no Mar

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — doirada borboleta —
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
— Constelações do líquido tesouro...

’Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

’Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

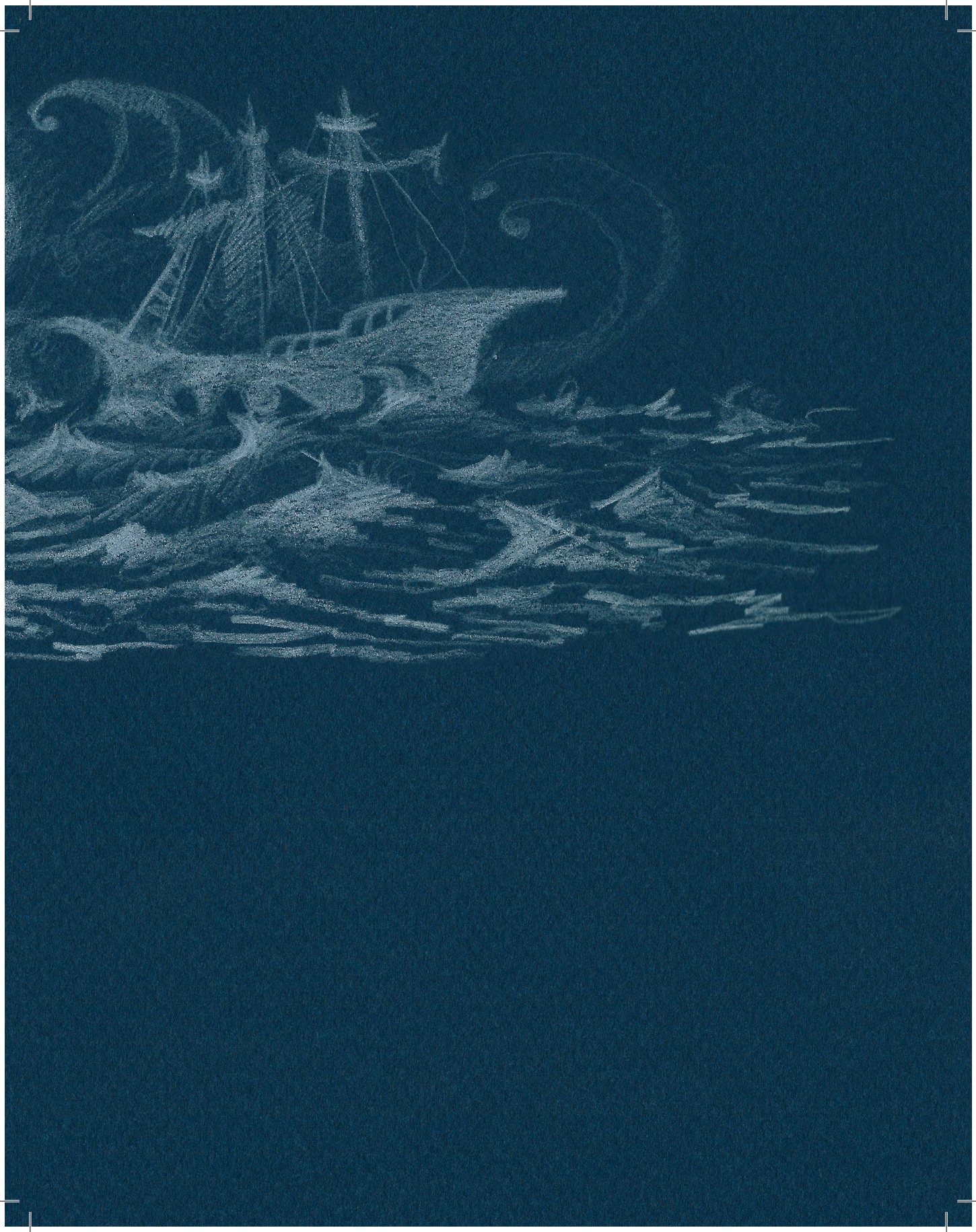
Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os córceis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!



Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meus Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

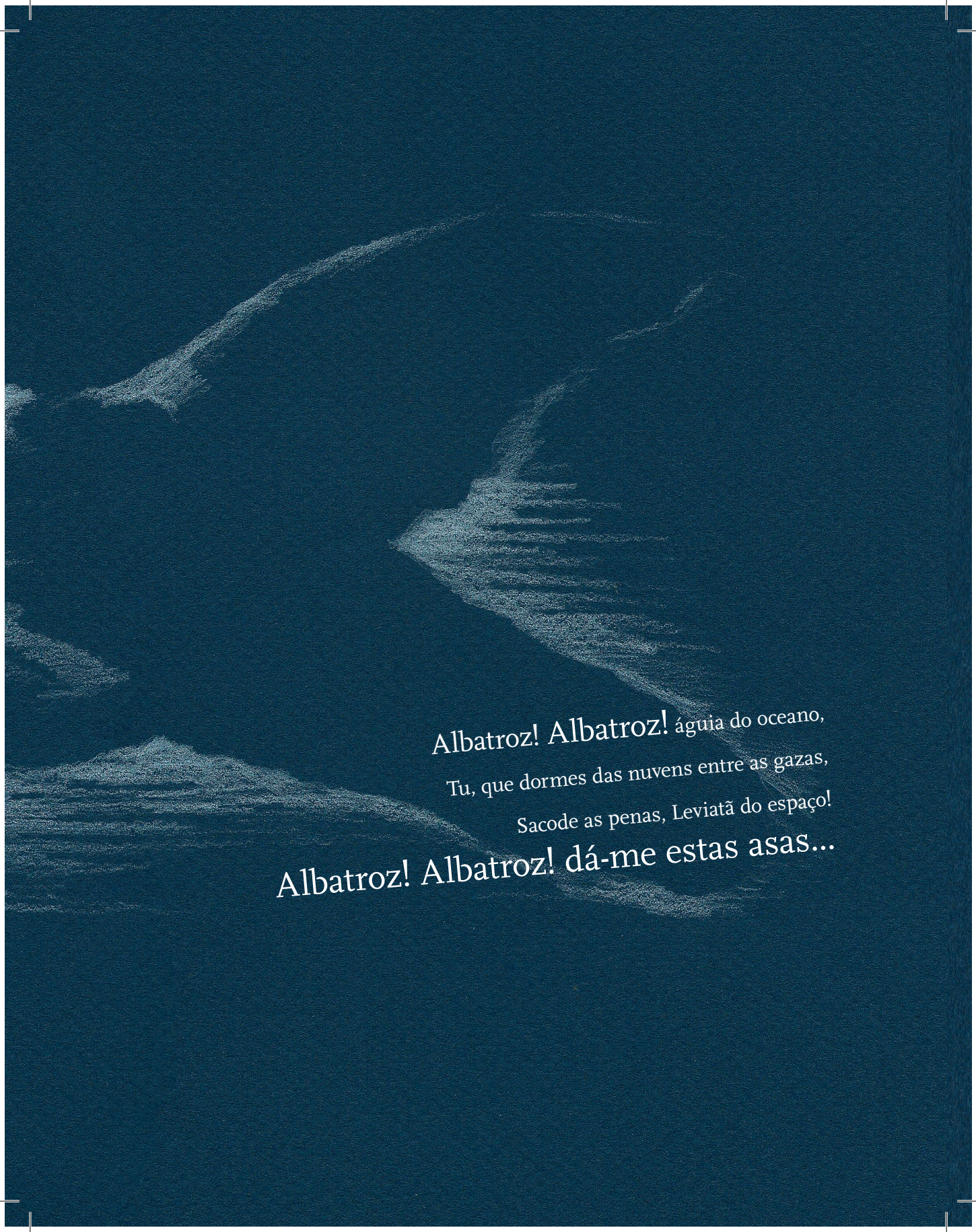


Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra — é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

.....

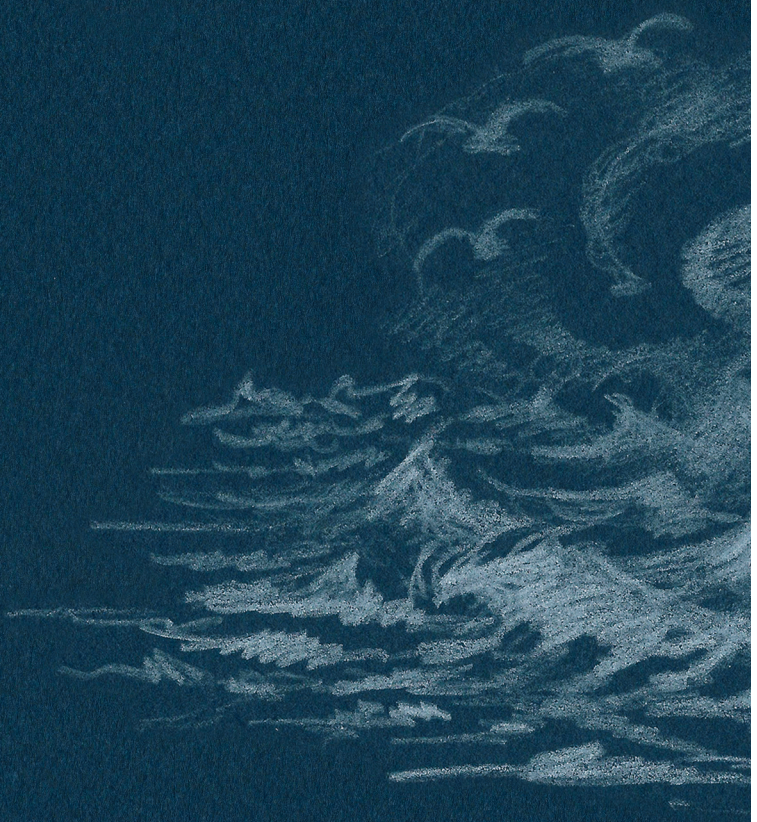
Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a *esteira*
Que semelha no mar — doudo cometa!




Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! Que a noite é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como um golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.





Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de languor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor.
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
— Terra de amor e traição —
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos do Tasso
Junto às lavas do Vulcão!

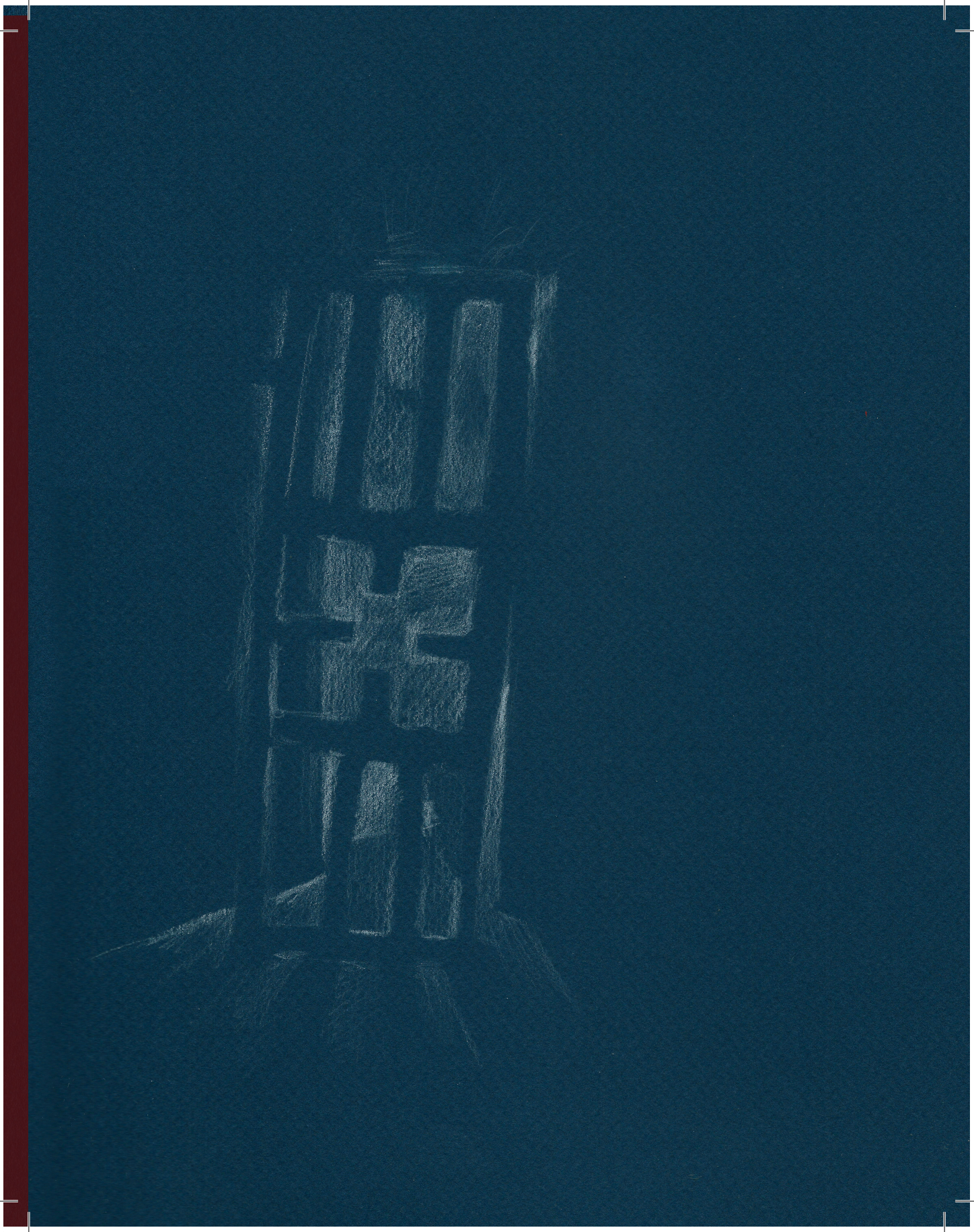
O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou —
(Porque a Inglaterra é um navio
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando orgulhoso histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...



Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
...Nautas de todas as plagas!
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu...

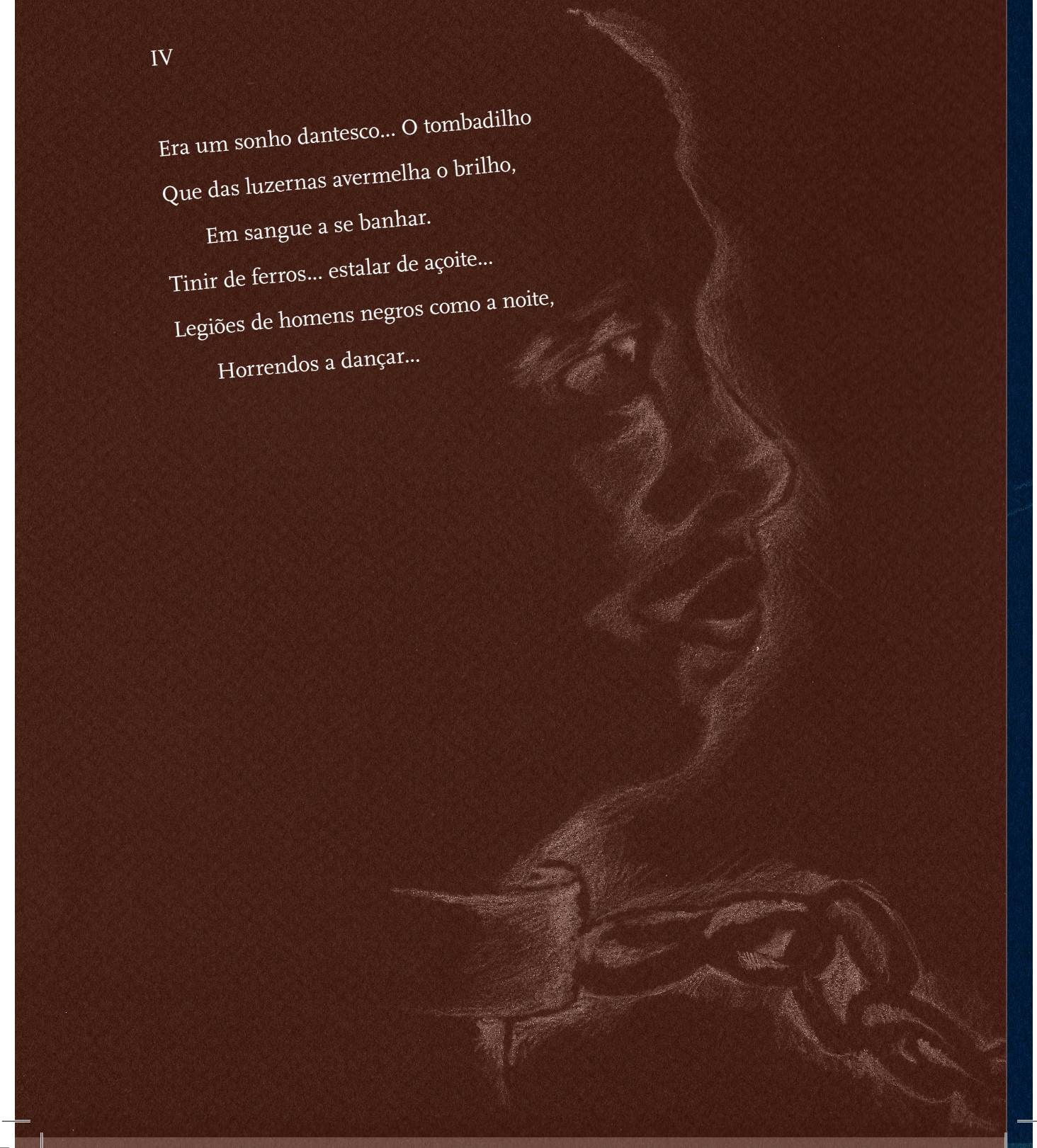
III

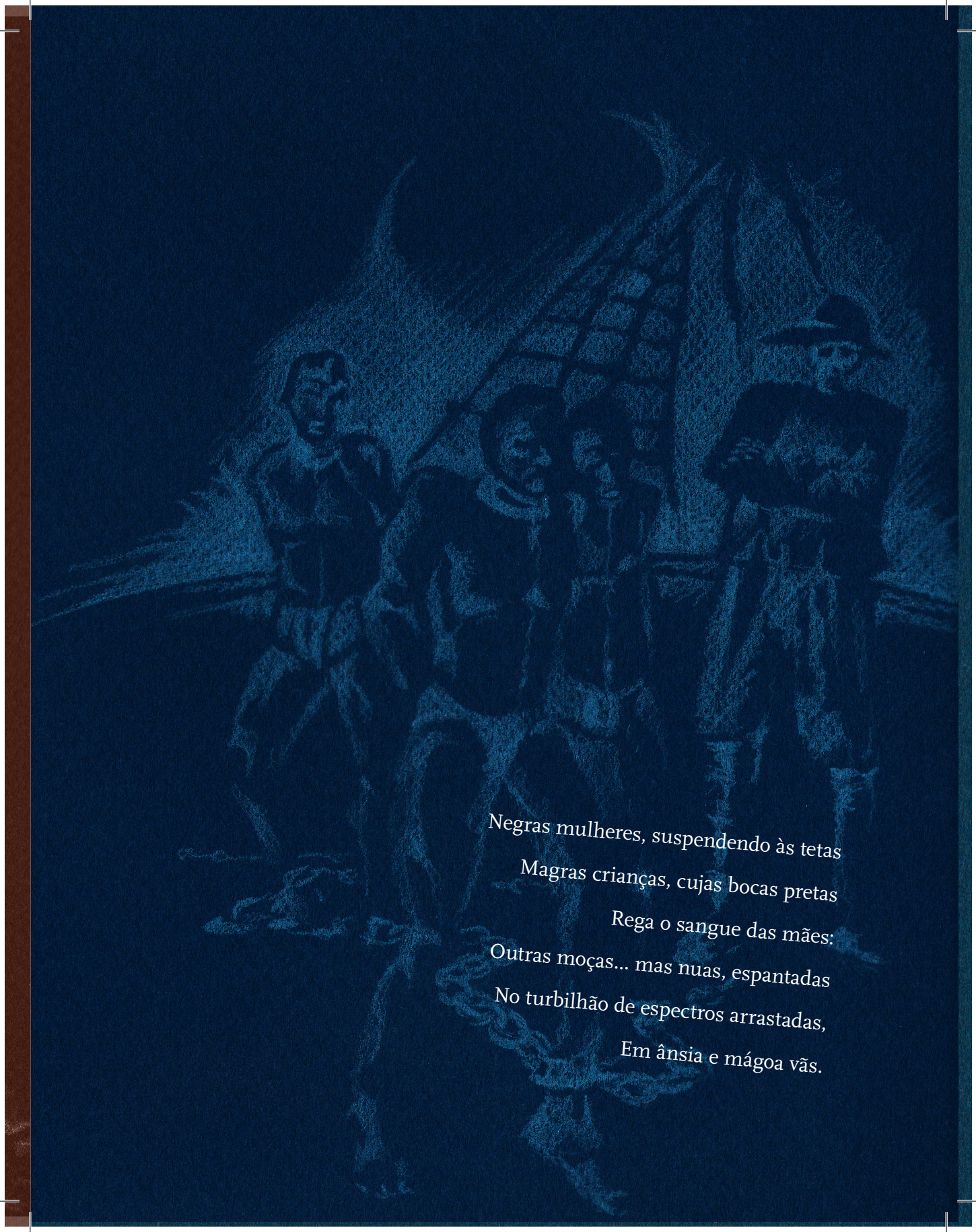
Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais, inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ali... que quadro de armarguras!
Que cena funeral cantar!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!



IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...





Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças... mas nuas, espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Se o velho arqueja... se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

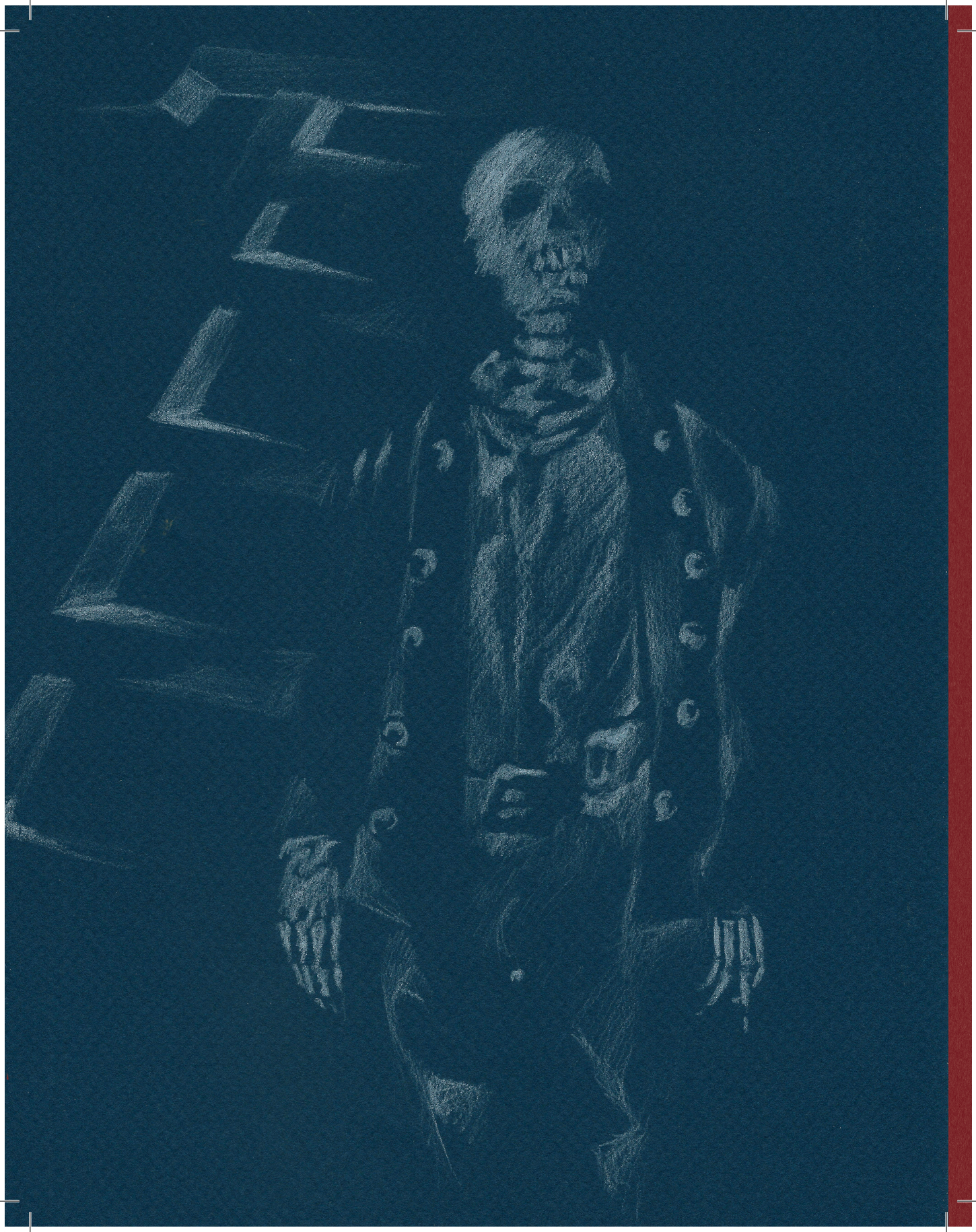
E voam mais e mais...



Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

.....

Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri



No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

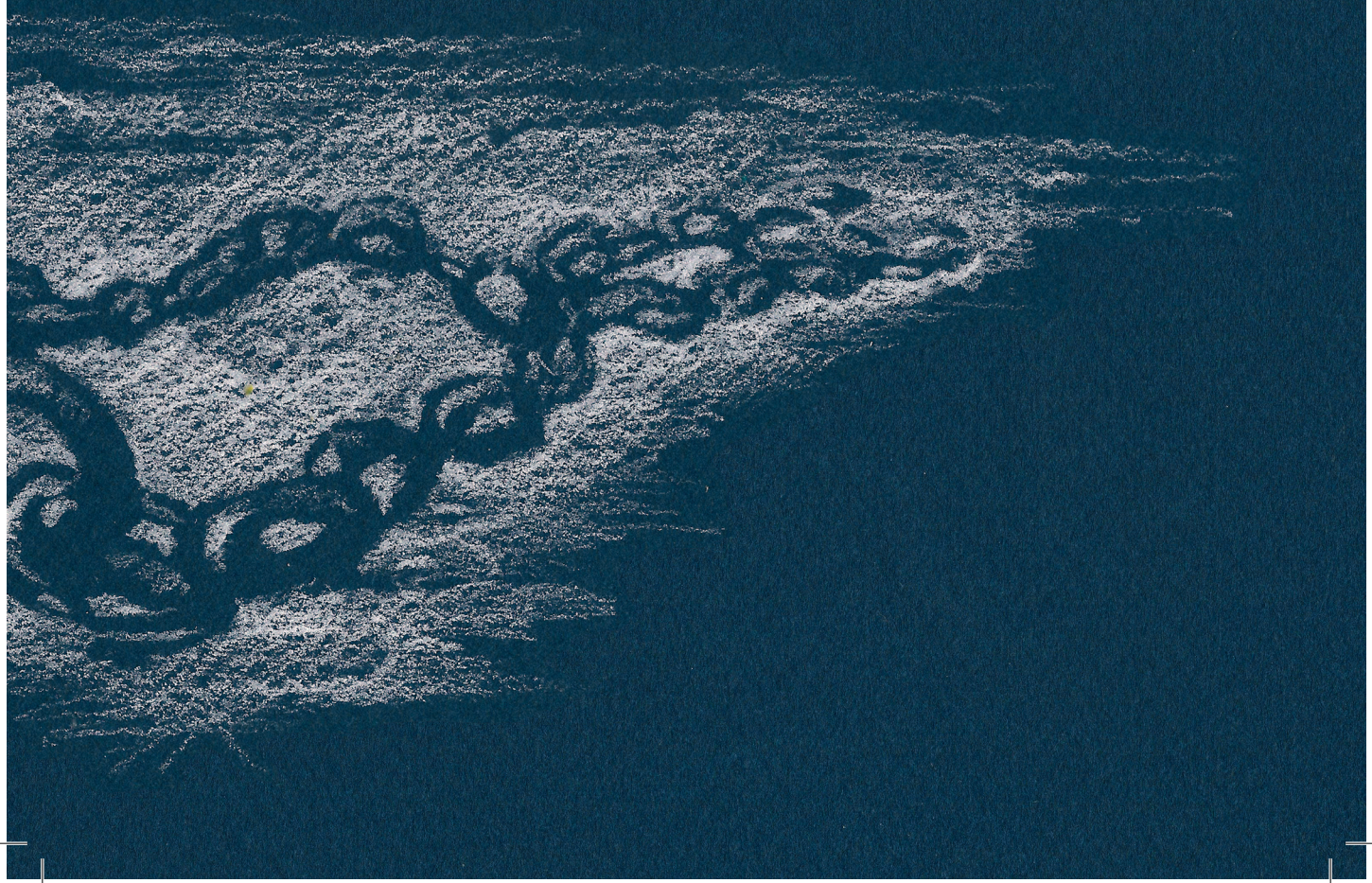
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

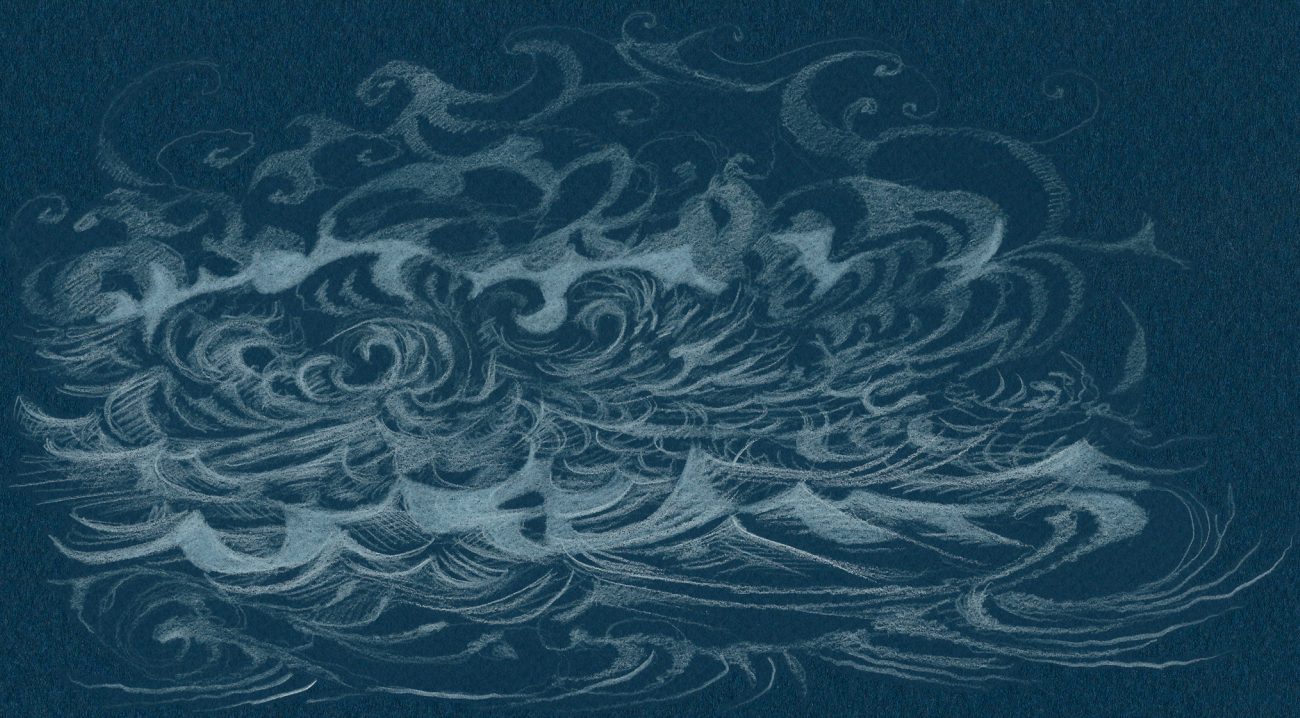
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

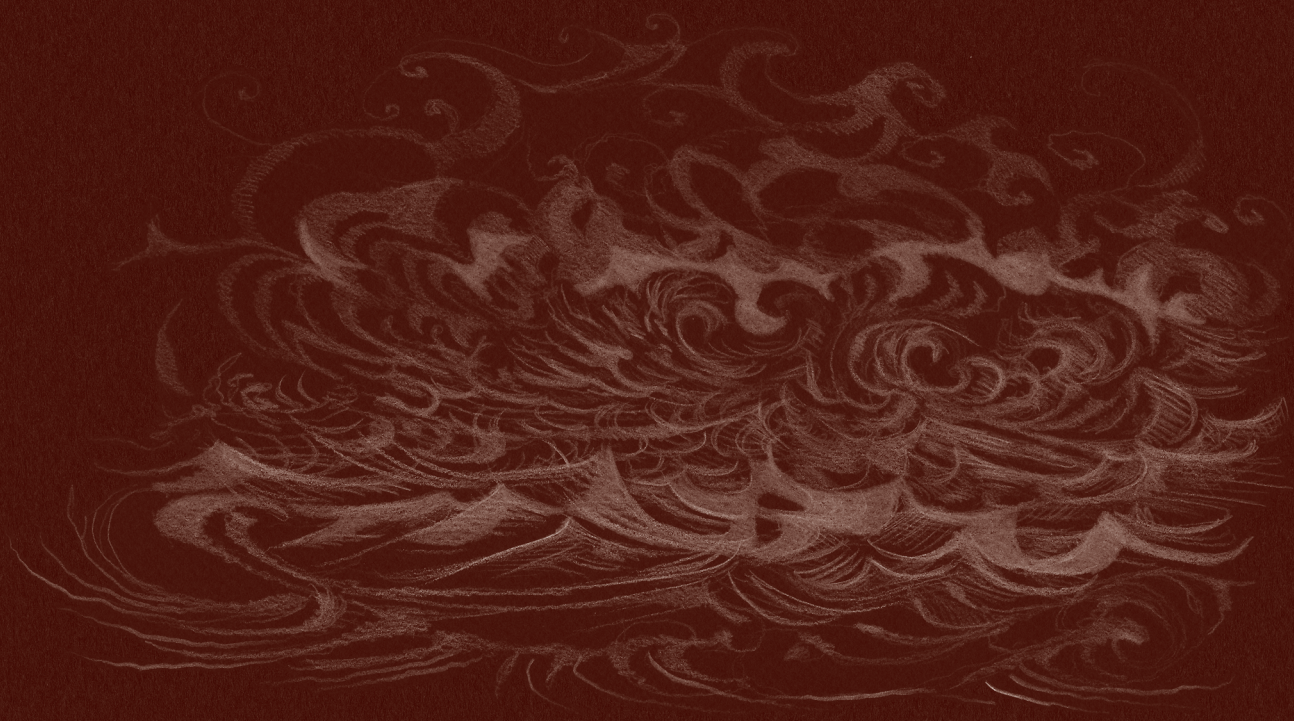


Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!

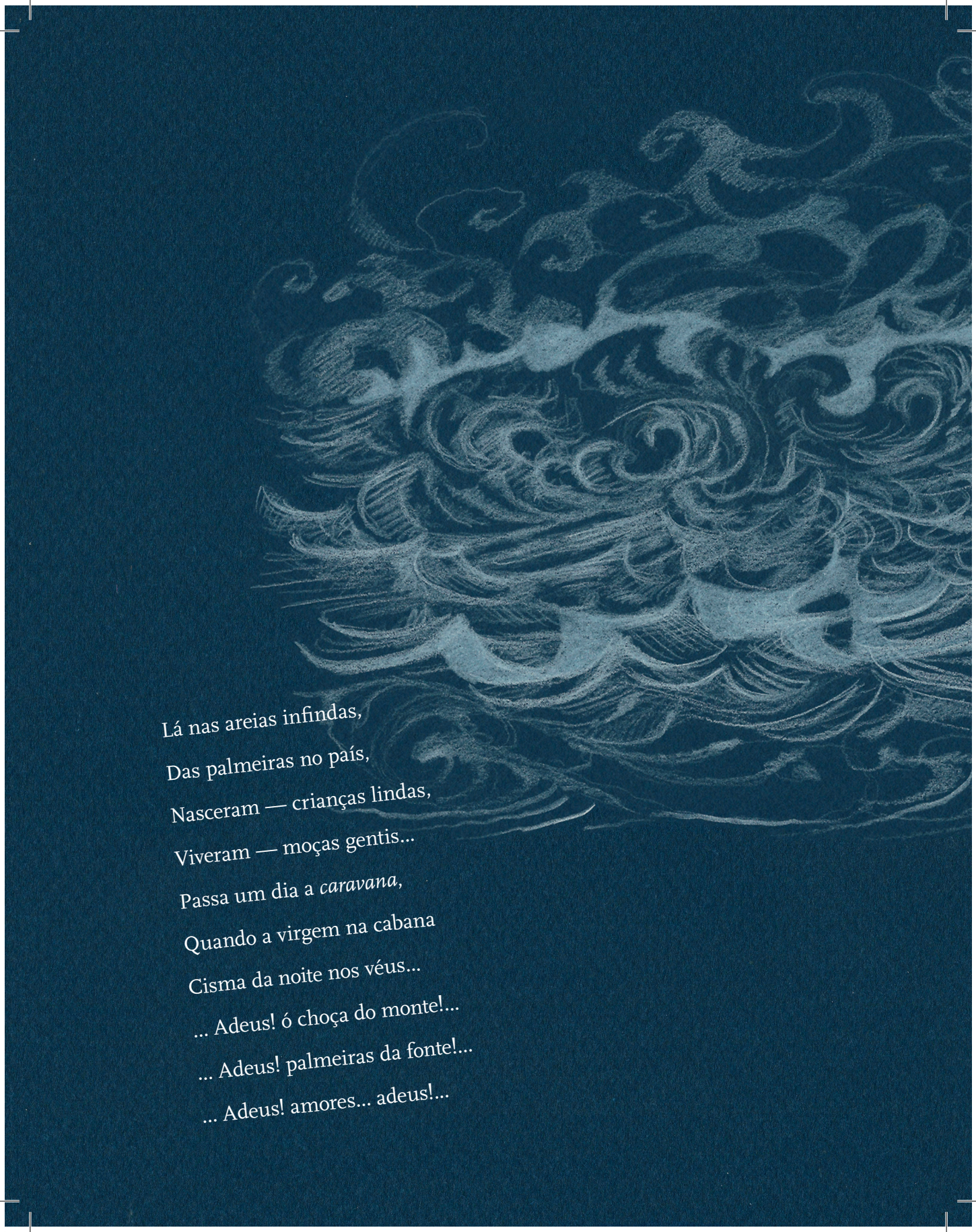


São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

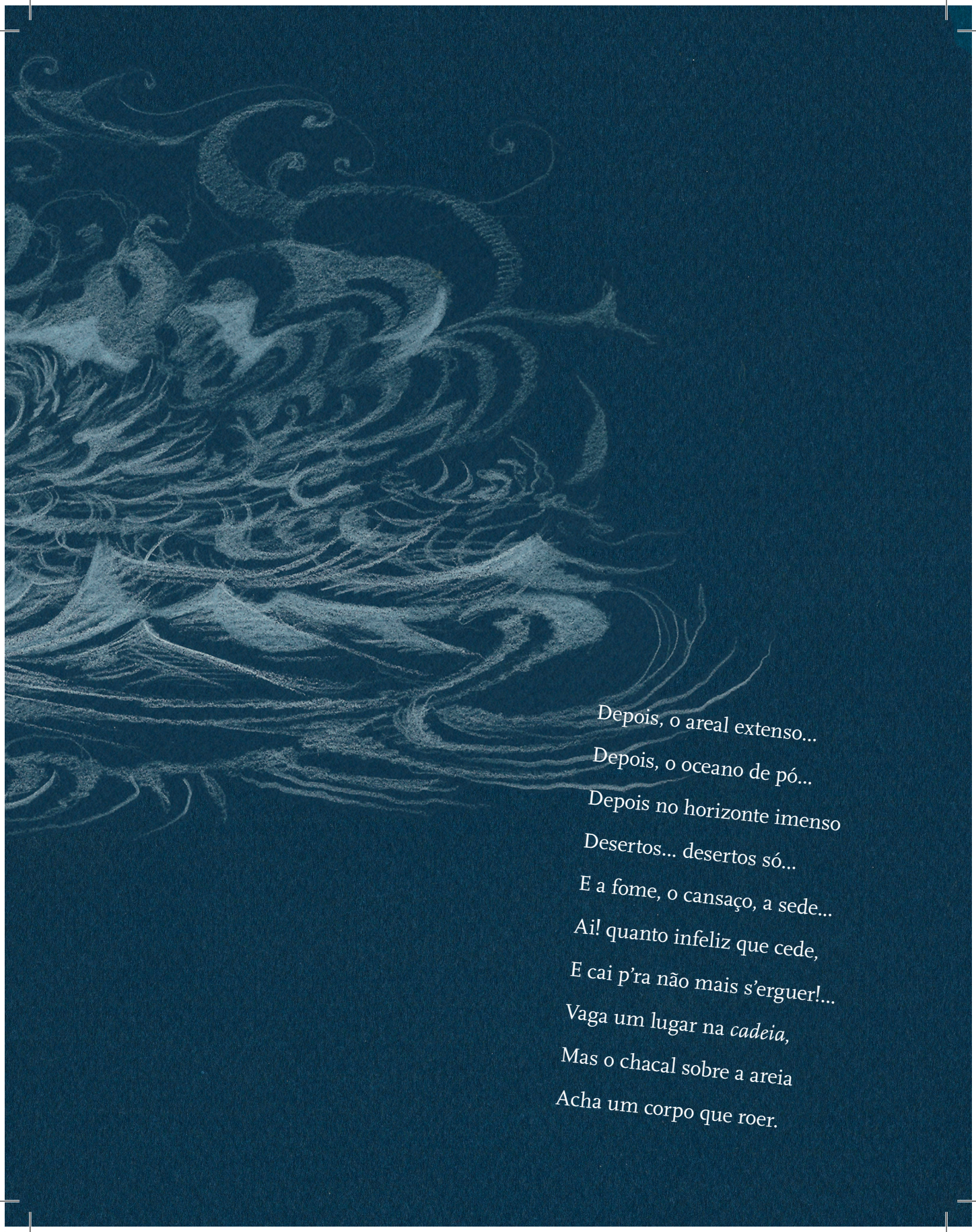




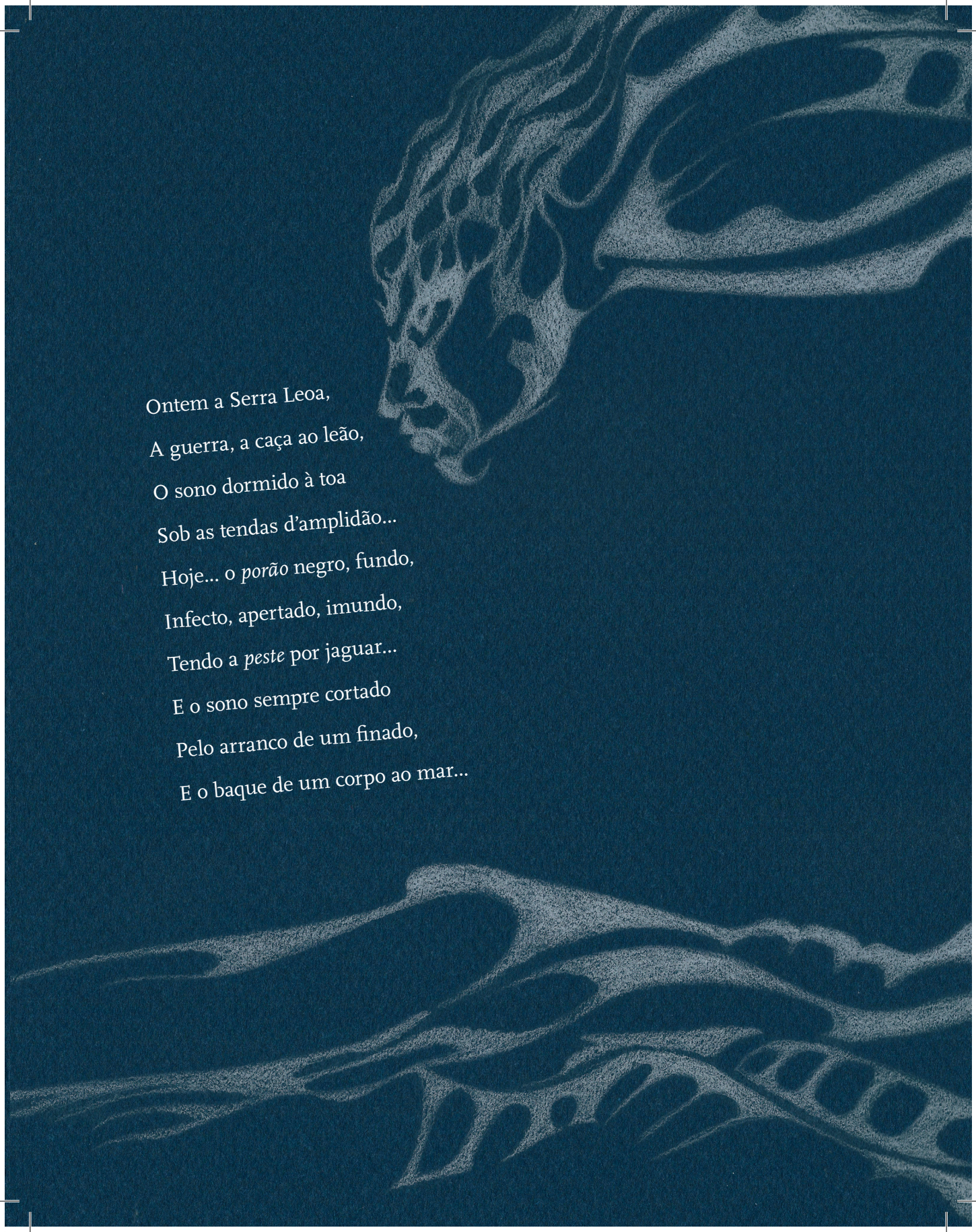
São mulheres desgraçadas
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...



Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a *caravana*,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus! ó choça do monte!...
... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus! amores... adeus!...



Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na *cadeia*,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

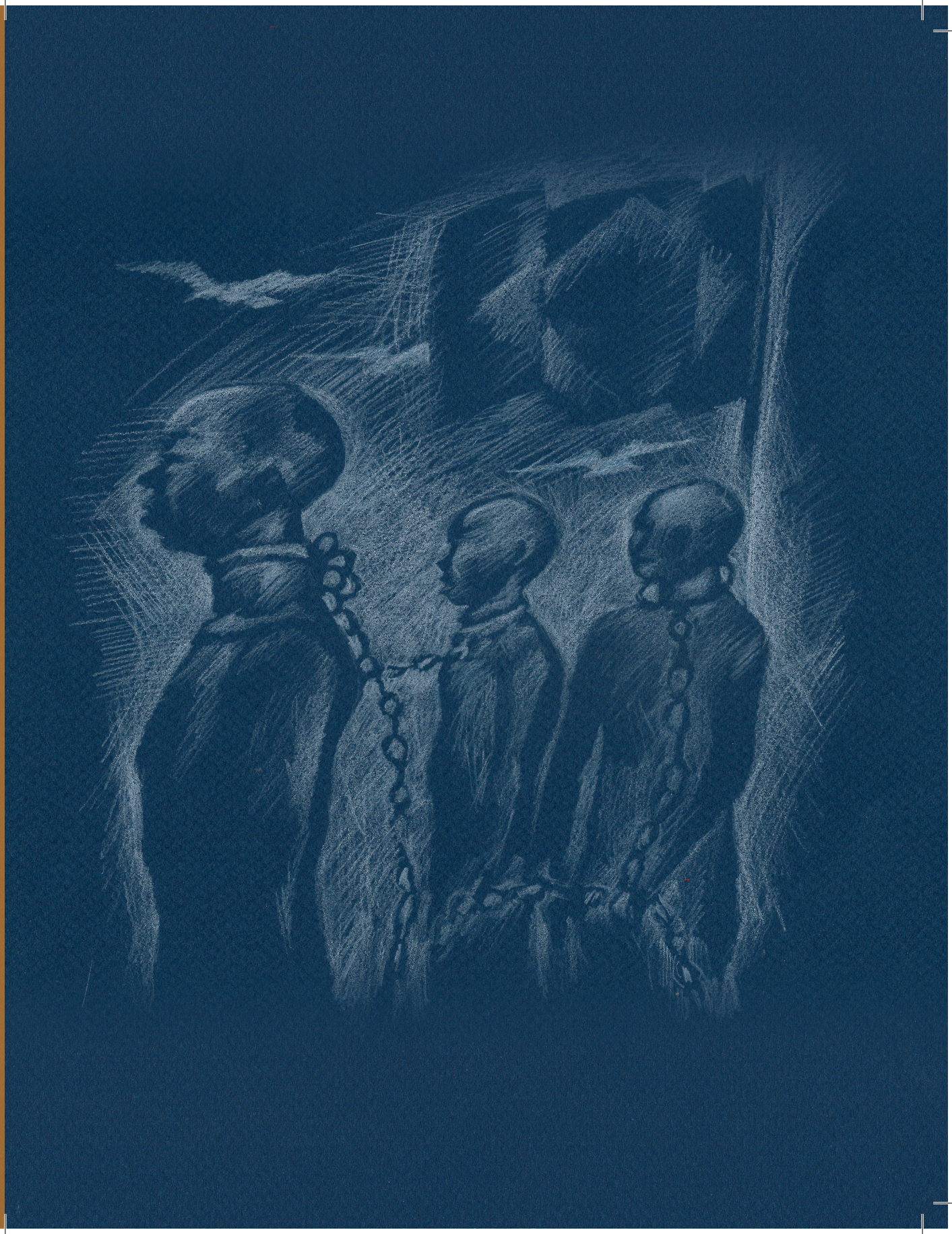


Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje... o *porão* negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a *peste* por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...



Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... Cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra... morrer...
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim roubados à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisão!...

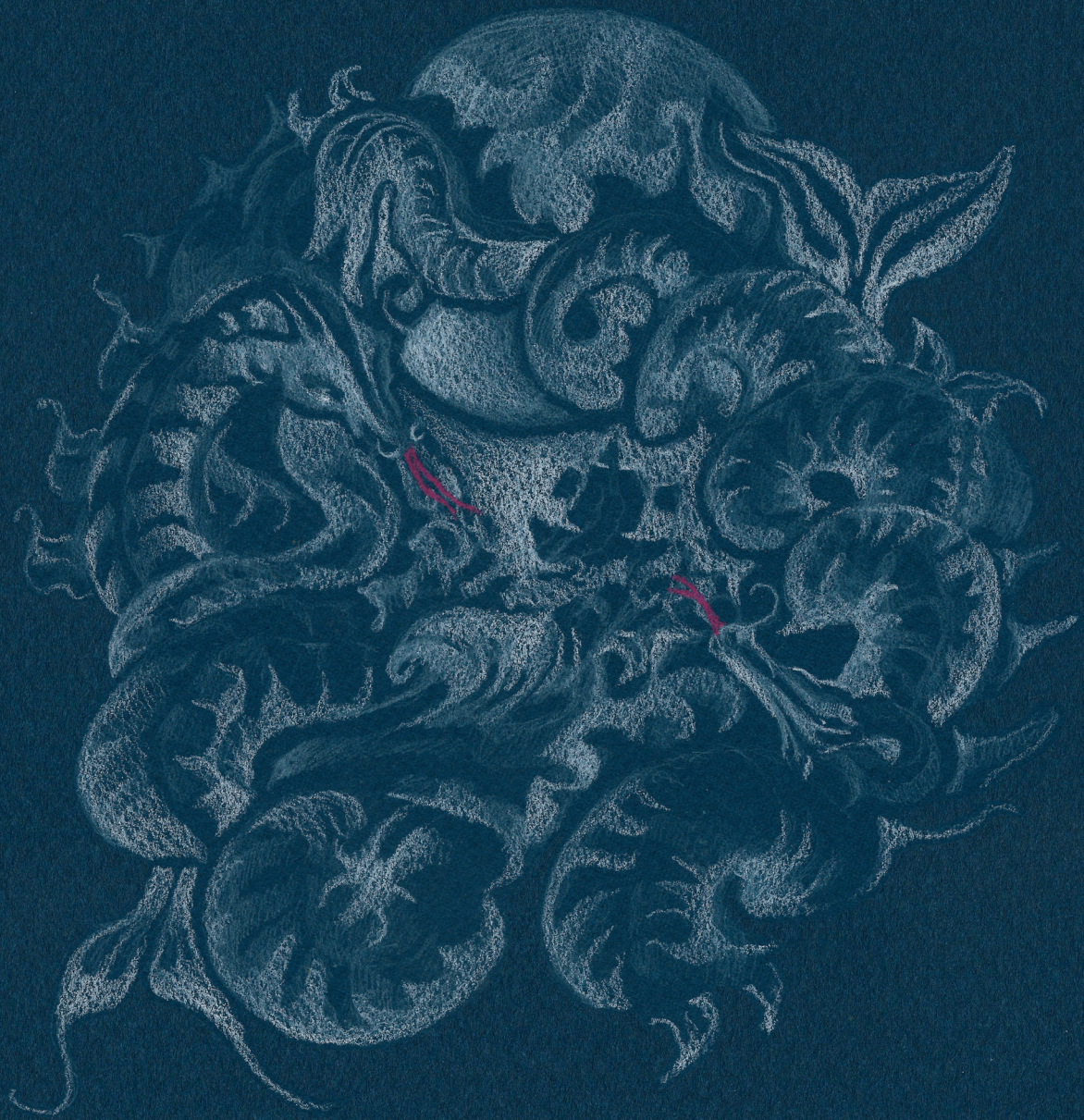
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...



VI

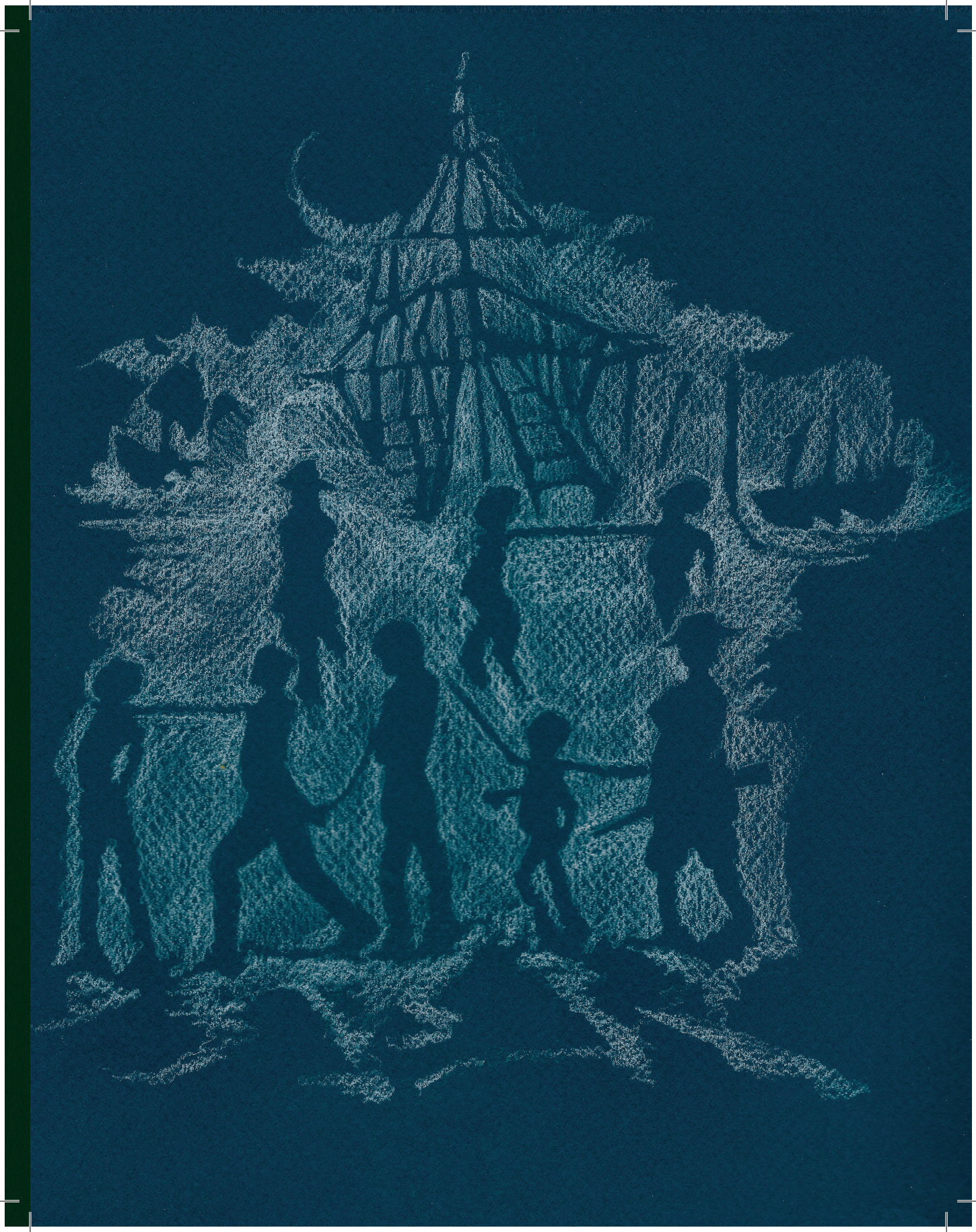
Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do Sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...



Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o *brigue imundo*
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélago profundo!...
... Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

São Paulo, 18 de abril de 1868.



Glossário do poema

'Stamos – Forma preferida pelo poeta, em lugar de "estamos". A supressão do "e" inicial deu-se, certamente, para conferir melhor ritmo à declamação. Com ela, o verso, somado ao seguinte, compõe um decassílabo, verso clássico, bastante ritmado.

A

Aboukir – Cidade marítima do Egito, a nordeste de Alexandria. Nela, em 1798, o almirante Nelson (*q.v.*) destruiu a frota de Napoleão Bonaparte, no episódio referido como "Batalha de Aboukir".
Agar – Personagem bíblica; escrava egípcia de Abraão, com quem gerou Ismael, tido como ancestral do povo árabe. Foi repudiada e expulsa por Sara, mulher do patriarca hebreu, após o nascimento do filho legítimo, Isaac.
Albatroz – Ave marinha de enormes asas, a maior entre as aves voadoras.
Algoz – Carrasco, torturador, verdugo.
Andaluzas – Naturais da Andaluzia, região da Espanha, ocupada de 1711 a 1492 pelos árabes, que lá criaram uma brilhante civilização.
Andrada – Referência a José Bonifácio de Andrada e Silva (1765-1838), estadista brasileiro, considerado o "Patriarca da Independência"
Ardentias – Brilhos, fosforescências.

B

Bacante – Sacerdotisa romana do culto a Baco, divindade do prazer. Por extensão, mulher depravada, libertina, devassa.
Bolina – Cabo de sustentação da vela do navio. Navegar "à bolina" é conduzir a vela de modo a que ela receba o sopro do vento e o navio ganhe velocidade.
Brigue – Navio com dois mastros e velas redondas.

C

Cadeia – Corrente; no caso, a que prende um grupo de prisioneiros.
Caravana – Grupo de viajantes do deserto, geralmente mercadores que se deslocam em uma fila.
Chacal – Mamífero carnívoro, espécie de lobo da África e da Ásia.
Choça – Habitação pobre e rústica; casebre, cabana.
Colombo – Cristóvão Colombo, navegador italiano. A serviço dos reis da Espanha, comandou a expedição que em 1492 teria descoberto a América.
Coorte – Tropa, grupo numeroso de pessoas.
Córceis – Cavalos corredores, de guerra.

D

Dantesco – Pavoroso, horrendo (em alusão às cenas do "Inferno", descritas pelo poeta italiano Dante Alighieri, 1265-1321).
Doudo – Louco. É forma antiga do adjetivo "doido"; e talvez seja melhor que esta, assim como "louro" é preferível a "loiro".

E

Espectros – Fantasmas, aparições, assombrações.
Etérea – Celestial, do céu.

F

Férrea – De ferro, sólida.
Fídias – Escultor clássico grego (século V a.C.).

H

Helenos – Habitantes da Hélade, antigo nome da Grécia; o mesmo que gregos.
Homero – Poeta épico grego, autor da *Ilíada* e da *Odisseia*. Viveu provavelmente no século IX a.C.

I

Infantes – Crianças.
Irrisão – Zombaria, deboche.

J

Jaguar – Onça-pintada.

L

Languor – Langor, languidez, sensualidade, voluptuosidade.
Leviatã – Monstro alado da mitologia fenícia, referido na Bíblia.
Libérrima – Forma superlativa de "livre": muito livre.
Lúgubre – Fúnebre, macabro.

M

Mezena – Mastro intermediário de um veleiro de três. Por extensão, a vela desse mastro.
Mortalha – Pano ou veste com que se envolve o cadáver a ser sepultado.

N

Nauta – Navegante, marinheiro.
Nélson – Horácio Nelson, almirante inglês, herói das guerras contra Napoleão. Vencedor da Batalha de Aboukir (*q.v.*), faleceu na de Trafalgar, em 1805.
Nest'hora – Contração de "nesta" e "hora", para efeito de métrica, como em "'Stamos".

P

Pélagos – Abismos, profundezas do oceano.
Pendão – Bandeira, estandarte.
Plagas – Regiões, países.
Procela – Forte tempestade no mar.

S

Saara – Deserto do norte africano; estende-se da Líbia ao Marrocos.
Serra Leoa – País litorâneo da África Ocidental, entre Guiné e Libéria.

T

Tasso – Torquato Tasso (1544 – 1595), poeta. italiano. *Q.v.* "Vulcão".
Tetas – Mamas, seios.
Tétricas – Sombrias, muito tristes, funestas, medonhas.
Tíbios – Fracos, vacilantes.
Tombadilho – Estrutura coberta e fechada na popa do navio.
Turba – Multidão em desordem.

U

Ulisses – Herói da mitologia grega, também chamado Odisseu. Foi, segundo a lenda, o estrategista criador do "Cavalo de Troia", conforme narrado na *Odisseia*, de Homero (*q.v.*).

V

Vaga – Onda.
Vulcão – Referência ao Etna, vulcão italiano no norte da Sicília, mencionado no poema "Jerusalém Libertada" de Tasso (*q.v.*) em uma de suas erupções, "vomitando enxofre".

BIOGRAFIA

Castro Alves

O poeta Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na fazenda Cabaceiras, próxima a Curralinho — hoje cidade Castro Alves —, na Bahia, em 14 de março de 1847. Foi ele a figura literária mais expressiva do condoreirismo, a terceira fase do romantismo nacional, cujo foco eram as causas sociais, principalmente a abolicionista e a republicana.

Filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando o escritor tinha 12 anos, Castro Alves mostrou-se desde criança apaixonado por poesia. Em 1854, transferiu-se com a família para Salvador, onde, em 1858, passou a estudar no Ginásio Baiano, escola em que declamou suas primeiras poesias.

Seu pai casou-se novamente em 1862, e ele e seu irmão mais velho, José Antônio, nessa ocasião, se mudaram para Recife.

No ano seguinte, contraiu tuberculose e sofreu sua primeira hemoptise.

Em 1864, mais uma perda: seu irmão mais velho, José Antônio, se suicidou.

Por outro lado, uma alegria: depois de duas tentativas fracassadas, conseguiu se matricular na Faculdade de Direito, em Recife. Mas sua vocação maior para os versos e os amores fez com que se descuidasse dos estudos.

Em 1866, foi a vez de o pai do poeta falecer. Pouco depois, Castro Alves conheceu aquela que se tornou o grande amor de sua vida: a atriz portuguesa Eugênia Câmara. Esse período de amor intenso foi também de intensa inspiração. Sua poesia se sobressaía, tendo ele composto nessa fase seus dois poemas abolicionistas mais belos: "O Navio Negreiro" e "Vozes d'África"; aquele escrito no dia 18 de abril de 1868 e este em 11 de junho de 1868, ambos em São Paulo. Alcançou com seus dotes de poeta e orador enorme popularidade.

Também nessa época, precisamente, em maio de 1867, concluiu o drama *Gonzaga*, encenado por Eugênia Câmara em setembro do mesmo ano.

Em 1868, houve o término de sua relação com Eugênia Câmara, o que muito o abateu, mas não o impediu de continuar criando. Em 1870, publica o título *Espumas flutuantes*, único livro a lançar em vida.

Ainda em 1868, um tiro acidental em seu calcanhar, durante uma caçada, ocasionou a amputação, a frio, de seu pé esquerdo. Esse episódio debilitou significativamente sua saúde, provocando o agravamento da tuberculose, e acabou por vitimar o "Poeta dos Escravos" no dia 6 de julho de 1871, em Salvador, na Bahia, com apenas 24 anos.

Castro Alves é o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

BIOGRAFIA

André Côrtes

O gosto pelo desenho, aprendido com minha mãe, misturado com o gosto de saber como as coisas eram feitas, herdado do meu pai, me levou a escolher a graduação em desenho industrial: na minha cabeça da época, a média aritmética entre arte e técnica.

Durante o curso, na PUC-Rio, tive dois grandes professores: Urian Agria de Souza, que me conduziu no processo de investigação da linguagem plástica com base no diálogo com materiais, técnicas, gestos e temas, e Ana Maria Branco, que foi mestra, companheira e me ensinou a transpor o diálogo plástico para uma dinâmica projetual, que incluía a experimentação material orientada pela interação e convivência com um grupo social, para conhecer cultura e valorizar modos de fazer, artes de fazer, saberes locais.

Concluí a graduação em 1993 e o mestrado em design, pela mesma instituição, em 1999. Casei, tive dois filhos, um casal. Hoje, além do trabalho como ilustrador, dou aulas de desenho de observação e projeto básico na PUC-Rio.

Sou o autor das aquarelas de abertura da série *Ó paí, ó!*, exibida pela Rede Globo. Participo de um projeto de arte-educação na comunidade quilombola Campinho da Independência, em Paraty, e ganhei o prêmio "Interações Estéticas 2009", da Funarte, para realizar residência artística na comunidade da Serrinha, em Madureira, acompanhando o grupo de Jongo.

1ª edição: junho de 2012
Impressão: Gráfica Stamppa
Papel de capa: Supremo Suzano 300g
Papel de miolo: Couché Matte 150g
Composto em Scala 12/24